

Dinâmicas do Processo de Constituição da Linguagem e da Vida Tecnologicamente Expandida¹

Luiza Helena Guimarães²

A livre expressão e a alegria dos corpos,
a autonomia, a hibridação, a construção das linguagens,
a criação de modos de produção novos, singulares e móveis,
surgem continuamente, por toda a parte.
A. Negri

Resumo: A comunicação mediada por computador requer a ação humana para estabelecer o contexto de relações diante das possibilidades oferecidas pelo meio, que apenas encontram significação mediante o uso cotidiano que delas fazemos através da conexão homem-máquina numa conjugação de forças sociais de produção, material e imaterial, dos cérebros e dos corpos envolvendo afeto, desejo, inteligência em rede rizomática de singularidades não domesticáveis e dinamizadas pelo poder de afetar e ser afetado. Neste sentido o poder da vida é revelado como potência na construção do comum, a partir de um corpo coletivo tecido nas redes de comunicação e cooperação, um espaço biopolítico em que a ação coletiva produz e reproduz a vida do ponto de vista do desejo.

Palavra chave: 1. Internet; 2. Subjetividade; 3. Ciberativismo; 4. Sistemas Simbólicos

1. Introdução:

A comunicação mediada por computador requer a ação humana para estabelecer o contexto de relações diante das possibilidades oferecidas pelo meio. A linguagem desenvolvida pelas tecnologias da comunicação só encontra significação mediante o uso cotidiano que delas fazemos, já que se tornou impensável viver restrito apenas ao nosso corpo biológico. A vida conectiva nesta hibridação homem-máquina atrai uma conjugação de forças sociais de produção, material e imaterial, dos cérebros e dos corpos envolvendo afeto, desejo, inteligência em rede rizomática de singularidades não domesticáveis e

¹ Trabalho apresentado ao NP Teorias da Comunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² ² Mestranda em Tecnologias da Comunicação e Estéticas na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com projeto: Fluxo Paralelo: Dispositivos Comunicacionais Produtores de Desejo, sob orientação do prof^o Henrique Antoun e integrante da equipe de pesquisa por ele coordenada. É artista multimídia com trabalhos em net.art, vídeo, som, performance, interferência urbana e arquitetônica, em coletivos de artistas e editora do blog <http://www.urgiapontocom.blogspot.com.br>
e-mail: luizahguimaraes@gmail.com

dinamizadas pelo poder de afetar e ser afetado, conforme Espinosa define o afeto. Neste sentido o poder da vida é revelado como potência na construção do comum a partir de um corpo coletivo tecido nas redes de comunicação e cooperação, um espaço biopolítico, “uma forma de dominação da vida que pode também significar, no seu avesso, uma resistência ativa” (Perbalt. 2003, p. 86), em que a ação coletiva produz e reproduz a vida do ponto de vista do desejo.

2. Dinâmica dos Agentes na Produção de Subjetividade em Rede de Comunicação e Informação:

A dinâmica da relação entre subjetividade, visibilidade e tecnologias comunicacionais contemporâneas produzem um dispositivo que joga o foco de visibilidade novamente sobre o indivíduo comum, como acontecia na sociedade disciplinar que tinha o modelo idealizado no Paróptico, “máquinas de ver que produzem modos de ser” (Bruno, 2004, p.111), mas que agora, produzem “uma subjetividade exteriorizada e marcada pela projeção e antecipação” (2004, p.110). Em relação ao modelo de poder a tecnologia disciplinar tira o foco de visibilidade de quem o exerce e lança o olhar sobre o indivíduo comum, o qual, consciente em relação ao modo de vigilância unidirecional, interioriza o dispositivo de vigilância, assim sendo, quando a vigilância não se dá pelo olhar do outro é autovigilância. A passagem da vigilância a autovigilância induz na modernidade a sanção normalizadora, sendo assim, “a norma é aquilo que opera a passagem da ação ao ser, extraindo do comportamento individual o ser, a identidade de cada um” (2004, p.113) e forja uma subjetividade marcada pela pressão do passado interiorizado determinante do comportamento no presente.

Segundo DELEUZE a expressão de potência na construção de si mesmo, que não é o mesmo que construir a si mesmo. Se existe um sujeito aí, é sem identidade. A singularidade da vida diz respeito ao acontecimento, a um conjunto de intensidades variáveis e contínuas na produção de subjetividade, de um processo de individuação de pessoas ou grupos perante dispositivos. Só resiste quem tem capacidade de se constituir como sujeito, de não se submeter. Este limite é definido entre quem comanda e quem obedece. Os movimentos em torno de maio de 68 de mulheres e estudantes não se assemelham a nenhum movimento revolucionário conhecido, os focos são múltiplos,

heterogêneos e transversais em relação à divisão do trabalho e as divisões sociais. A definição da relação com o poder é subordinada a “constituição de si” como sujeito social. Aparece uma nova subjetividade e novas relações de poder. A descoberta foucaultiana da “relação para si” enquanto dimensão distinta das relações de poder e de saber, como processo de subjetivação autônoma, portanto, sem necessidade de passar pela organização constituída para se impor como força, foi desenvolvida por DELEUZE na compreensão de como a interface comunicacional que se impõe aos sujeitos se transforma em potência. A subjetividade como elemento de indeterminação torna-se potência do processo de produção de subjetividade e se constitui alternativa a uma realidade social diferente construída no plano da potência e não do poder.

Do Panóptico passando Sinóptico, seguindo o pensamento de BRUNO, em que o foco de visibilidade volta-se ao poder da sedução representado pelas celebridades do mundo televisivo, chegamos ao atual modelo das redes de comunicação e informação. Os dispositivos e vigilância e visibilidade que constituem o ciberespaço constituem também a subjetividade pela ação de se fazer visível, mas agora sob pressão de um futuro a que nos antecipamos, sendo assim, a subjetividade se constitui na exterioridade, na projeção do futuro sobre o presente antecipando uma identidade potencial.

Na Internet o olhar do outro é produzido, imaginado, previsto por quem produz a própria visibilidade na dinâmica dos afetos. “A multidão pós-moderna é um conjunto de singularidades cuja ferramenta de vida é o cérebro e cuja força produtiva consiste na cooperação” (Negri, 2000, p.171), portanto, a resistência se dá por divulgação de comportamentos singulares e, ao invés, de se fazer necessária uma conscientização coletiva, homogeneidade, como na modernidade, o que se tem agora é profusão de atravessamentos de singularidades em cada consciência. Neste contexto a produção é produção de subjetividades modulada no fluxo de singularidades. Desejos oriundos de fontes diversas conjugando a prática na vida cotidiana e as atividades mentais criativas, constituem cada vez mais subjetividade contemporânea. A biopotência como potência da vida da multidão é uma virtualidade que envolve cérebros e corpos em que a vida e produção são uma coisa só. Na emergência, já a algum tempo, de formas de vida autônoma, tanto não humana quanto híbrida, a vida se tornou matéria, apreendida como informação e código, que agora se constitui na dinâmica de forças humanas superpostas as forças dos protocolos de Internet

(TCP/IP), um sistema de administração e controle de rede que só existe quando agregado a agentes capazes de se expressar politicamente.

3. Dinâmica dos Afetos em Rede de Comunicação e Informação:

A alegria que para Espinosa tem sentido ético e se realiza na prática como força de construção e constituição do ser na criação do porvir, em Deleuze diz respeito à potência afirmativa de agir e existir do ser, correspondendo a seu poder de ser afetado e, assim, revela distinções dentro do poder e no interior de nossa afetividade, conduzindo a uma prática ética. Se nossas afecções nos tornam alegres, elas aumentam nossa potência e nos tornamos mais ativos. Então, com a prática de encontros causais de corpos adequados a nossa natureza aumentamos a nossa potência e se desenvolvemos a idéia do que é comum a um corpo externo e ao nosso próprio corpo: “a alegria que tem por suporte a noção comum é a alegria que retorna” (Hardt, 1996, p.181). A relação compartilhada no encontro de dois corpos formando um mais poderoso, em nossa mente, torna as afecções alegres, ativas e produtivas.

Esta dinâmica de agenciamentos de potências contra os dispositivos de poder, numa sociedade aberta ao livre conflito e a composição do campo de forças sociais, não-hierárquicas e coletivas, organiza a sociedade de baixo para cima, a partir do plano social imanente. Constitui a prática como motor da organização social em direção aos seus limites compondo e descompondo conexões. O processo de agenciamento por forças sociais alegres, reinventado constantemente, é prática da multidão de corpos, um corpo social comum. Ainda segundo ESPINOSA:

“Um corpo não é uma unidade fixa com uma estrutura interna estável ou estática. Ao contrário, um corpo é uma relação dinâmica cuja estrutura interna e cujos limites externos estão sujeitos a mudanças” (147). “Nem mesmo sabemos o que pode um corpo fazer, nem mesmo sabemos de que afecções somos capazes, nem a extensão de nosso poder” (149).

Este universo de corpos num fluxo contínuo e dinâmico “em movimento e repouso, em união e conflito” (148), diz HARDT, fez DELEUZE pensar em termos de poder. DELEUZE, em entrevista a NEGRI, sugere a necessidade de voltar a pensar o conceito de utopia e repensar o conceito de fabulação bergsoniana em termos de uma nova constituição social, ou seja, a necessidade de dar a confabulação um significado político. Diz haver uma “confabulação comum às pessoas e à arte”.(p.54). A rede tecnológica, nascida da

inteligência humana, impõe questões interativas múltiplas a uma sociedade de criadores livres e ativos, possibilidade de ultrapassagem do plano da natureza e da tecnologia.

Certamente a sociedade é formada sobre a base da inteligência humana, mas DELEUZE observa que não há um movimento direto entre inteligência e sociedade. Ao contrário, a sociedade é um resultado mais direto de “fatores irracionais”. Deleuze identifica o “instinto virtual” e a “função fabuladora” como forças que levam à criação de obrigação e de deuses. Essas forças, contudo, não podem dar conta dos poderes humanos da criatividade(53).

Favorecidos pela alegria na/da vida conectiva em direção ao porvir, o processo de produção coletiva de corpos e mentes, atravessando e sendo atravessadas por espaços concebidos pela cultura humana, constrói uma estética com base no afeto, como estímulo imaginativo, ligando assim a ética à estética através de conexões e de sinapses entre cérebros que se unem e se dissociam, numa dinâmica de forças em constante expansão. São fluxos,³ definição de tempo quando este é assumido na dimensão do conhecimento, em que os cérebros se colocam como fator limítrofe entre o presente e o futuro, entre aquilo o que somos e aquilo que teremos ou queremos vir a ser sob pressão da sociedade de controle. Assim é que abrimos o presente em direção ao porvir e a imaginação, como gesto lingüístico, é que se lança para o futuro para construí-lo.

4. Dinâmica das Conexões entre Agentes em Rede de Comunicação e Informação:

A conectividade traz o ativismo para as redes tecnológicas e opera em rede de afetos, produzindo o imaginário com base na experimentação, no acontecimento inusitado e na troca ativa de informações. Gestação de um fluxo de poder paralelo de desejos, de uma poderosa rede de guerra que vem transformando o mundo contemporâneo e tem se

³ Os fluxos traçam no campo social movimentos de desterritorialização e descodificação. DELEUZE introduz a noção de “conexão e conjugação dos fluxos” (Deleuze e Guattari, 2005, p.100), sendo que a conexão de fluxos se refere ao modo como eles se contrapõem precipitando sua fuga comum, enquanto que, a conjugação obstrui estas linhas de fuga operando uma reterritorialização. Então, são exatamente os fluxos de desterritorialização e descodificação que efetuam a conjugação dos processos, determinando a sobre-codificação e servindo de base para a reterritorialização. Movimentos entre micro-história e macro-história constituem um fluxo constantemente mutante e asseguram, assim, a criação-conexão de linhas de fuga.

mostrado, em ações táticas e estratégicas produtoras de uma nova subjetividade, ser capaz de funcionar como um ponto de fuga contra mecanismos de controle da sociedade.

LAZZARATO e NEGRI indicam o atual período como sendo o da luta pelo poder feita em relação ao controle para liberação do sujeito da comunicação. Sendo assim, para viabilizar um projeto ativista é preciso agir sobre o poder que opera mediante controle técnico. Práticas de conexão à *Internet* sem fio, “*Wi-Fi*”, oferecem novas dinâmicas de acesso e de uso da rede e representam o surgimento de uma nova fase da sociedade da informação, marcada pelas “*smart mobs*” e “*flash mobs*”. Agora é a rede que vai até o usuário das novas tecnologias nômades (*laptops*, *palms*, celulares) e, é através da mobilidade que os fenômenos se manifestam. O computador é a grande rede conectada a cérebros, que através de sinapses entre a máquina e o homem torna o pensamento mais fluido e desterritorializado para que possa dar conta velocidade e da mobilidade do cotidiano. AS tecnologias móveis como celulares, com voz e *SMS*, *pages*, *Internet* sem fio, blogs, etc, vem sendo para utilizadas em ações que objetivam enxamear espaços urbanos, as *flash mobs* e as *smart mobs*. As primeiras são mobilizações instantâneas com objetivo de enxamear (*swarm*) para um lugar e rapidamente se dispersar, criam estranhamento. As segundas, ativistas, têm por objetivo mobilizar multidões com fins de protesto político em praça pública, usando práticas de *swarming* (“enxameamento”, agregação e dispersão rápida). Ambas colocam a emergência de novas formas micro-políticas de ação e revelam a dimensão social do ativismo global em contrapartida aos dispositivos de controle.

A vida absorvida pelas redes digitais já é aquilo que artistas e cientistas chamam de vida artificial. Somos todos apenas participantes de um processo de transformação da mente, de um novo sentido do que é ser humano. A cultura telemática, cultura da conectividade total, visa principalmente a mente em rede, a inteligência das redes neurais, aquilo que ASCOTT chama de hipercortex. Ele afirma que “a primeira questão para arte nos próximos trinta anos será aquela da consciência”; “... as redes neurais artificiais irão se unir as nossas redes neurais biológicas em um total cognitivo sem emenda” (1998, p.341). A idéia básica das redes neurais artificiais é construir um modelo composto por um grande número de unidades de processamento muito simples, que são chamadas de neurônios, com um grande número de conexões entre eles. O processamento básico de informação da rede ocorre nos neurônios e é transmitida através de conexões, denominadas sinapses. Assim

como nos sistemas orgânicos, existe nestas redes a capacidade de aprender através de exemplos e de generalizar a informação aprendida representando, sem dúvida, um atrativo essencial para a solução de problemas. A generalização está associada à capacidade da rede aprender através de um conjunto reduzido de exemplos e, posteriormente, fornecer respostas coerentes para dados não apresentados anteriormente. É uma demonstração de que a capacidade das redes neurais artificiais vai muito além de mapear relações de entrada e saída. Elas são capazes, então, de extrair informações não fornecidas na programação de forma explícita através da recombinação de novos elementos inseridos pelo usuário do sistema e incrementar em seu banco de dados. Ela aprende à medida que é solicitada. Uma rede neural artificial é caracterizada, principalmente, por três fatores: a arquitetura da rede (topologia), modo em que os neurônios e suas conexões são organizados; o tipo de aprendizado, modelo usado para desempenhar uma determinada tarefa a partir de parâmetros recebidos anteriormente por ela; e a função de ativação, excitação ou inibição dos neurônios. A função de ativação é uma função matemática que aplicada à combinação linear entre as variáveis de entrada e pesos que chegam a determinado neurônio, retorna seu valor de saída. Em geral, uma rede neural pode ter diferentes funções de ativação para diferentes neurônios. A maioria das redes utiliza a mesma função de ativação para os neurônios na mesma camada. Trata-se da ação comum de nossas redes neurais biológicas unidas as artificiais para obtenção de um sistema mais inteligente, mais eficiente que minimize possíveis falhas. Recorrendo a NEGRI: "...quando a única ferramenta é lingüística, não há mais ferramenta, porque a ferramenta é algo diferente do agente. Existe apenas um conjunto de próteses que se associam ao agente."(2000, p.110)

5. Dinâmica de Criação de Sistemas Simbólicos :

Segundo LOGAN, se assumirmos que a mente emerge com junto com o advento da linguagem verbal, portanto, do pensamento conceitual podemos fazer uma distinção entre mente e cérebro baseado em no modelo de sistema dinâmico de linguagem, assim como também na separação entre o pensamento baseado na percepção, material e no pensamento conceitual, abstração. Com a aquisição gradual da habilidade de representar todos os aspectos relativos à palavra a linguagem prolonga efetivamente o cérebro humano e cria a mente. A linguagem entendida a partir deste pressuposto é uma ferramenta e como tal é

uma extensão do corpo e da mente. A inteligência humana amplia o cérebro através da mente ao que LOGAN designa de “mente expandida” se referindo ao cérebro somado a linguagem.

A capacidade da mente humana de pensar de modo abstrato é uma sofisticação em relação a pensar através da percepção material, o que leva a crer na pressão da seleção para o aparecimento da linguagem. Hoje a inteligência humana encontra tanto a ampliação como também o limite a ser expandido mais no desenvolvimento de software do que de hardware. O software é a linguagem que emerge do trabalho da inteligência e, nas tecnologias contemporâneas de comunicação e informação, tem encontrado a possibilidade de criação sistemas dinâmicos de cooperação e transformação social. Conceitos estão a cada dia sendo criados e recriados, sendo vistos e revistos por outras percepções produzindo, assim, a dinâmica do sistema cognitivo na sociedade de controle que encontra na mente expandida do ativista a expansão dos sistemas simbólicos.

Nos anos 70 o trabalho do Alemão Joseph Beuys de influência incontestável na arte contemporânea testemunhava em sua obra atravessada pela vida à incompatibilidade dos sistemas disciplinares com a realidade sensível. O conceito de realidade de Beuys “abrangia espaço e tempo, natureza e cultura, existência viva e utopia concreta”(Honnef, 1988, p.41). Ele levanta questões empíricas mergulhadas em metáforas, símbolos, conexões existenciais trazidas do passado para o presente como dimensões inseparáveis, mas “não era um romântico nostálgico do passado, nem um irrealista utópico, mágico ou charlatão” (1988, p.42), mas se lançou na realidade com um pensamento questionador e provocativo introduzindo a noção de um conceito alargado de arte, o qual incluía todas as atividades da existência humana envolvidas com a criação. Isto permitiu a idéia de fluxo e processo, conceitos ainda hoje decisivos para pensar a arte produzida nas redes sociais que requerem a participação ativa dos expectadores na criação, ou seja, dos agentes, termo que melhor se aplica no atual contexto das redes de comunicação. Contudo o mais significativo é que para Beuys o artista age no cérebro humano alterando o pensamento, portanto, visava à mente através da construção da linguagem.

Quando o foco de visibilidade é, novamente, lançado sobre o indivíduo comum, quando o artista é apenas mais um dos agentes sociais desempenhando o mesmo papel na construção e transformação da sociedade, quando imersos em um mesmo contexto, em que

todos somos criadores, o conceito alargado de arte defendido pelo trabalho de Beuys evidencia a vida prática que hoje se torna objeto estético e de informação.

6. Conclusão:

A resistência na sociedade de controle é tecnológica e conectada, opera em rede de comunicação e aqui está sendo pensada como em Beuys visando a mente, mas na construção da linguagem do meio em que se firma e é delimitada pelos desejos dos agentes.

Se por um lado BEUYS fala de “escultura” social, por outro, GALLOWAY analisa a “escultura” tomando por base os protocolos de Internet como força afetiva que tem o controle sobre a produção da vida, sendo esta a chave para pensar o poder hoje. Sempre que os cérebros humanos acionam um comando computadorizado entram em contato com a um contexto semântico já dado, mas que só a intervenção humana é capaz de estabelecer o conteúdo dos protocolos técnicos que envolvem, por exemplo, modulação, conectividade.

A subjetividade exteriorizada se constitui no campo superficial de ações que, por sua vez, são armazenadas em banco de dados capazes de esboçar rapidamente um perfil com base em características mensuráveis e numeráveis, traçam a materialidade dos corpos. Deste modo, na atualidade, a vigilância se faz através de previsão, de ver adiante com base nos bancos de dados, antecipando e projetando comportamentos individuais e potenciais no campo exterior e visível. Onde existimos, resistimos! É a passagem da resistência da alma para do comportamento aparente, produção do olhar do outro, criação no/do imaginário nas/das redes de comunicação e informação, na arena pertencente ao mundo exterior, de um corpo artificial.

Formas de vida artificial e orgânica existem em qualquer espaço onde forças materiais são ativamente estereotipadas, resultando numa materialidade na qual a vida é manipulada, organizada, mas, em contrapartida, é também ativamente, esteticamente autorregulada. GALLOWAY defende que as forças envolvidas nos protocolos que regulam os fluxos, arquivos e a distribuição de trabalhos em rede são as mesmas que regulam os corpos. Se o meio é a mensagem, como dizia MCLUHAN, então a vida transformada em código e informação, quantificada, estilizada, é vida transformada em meio.

Os agentes têm por instrumento de trabalho o cérebro e por campo e instrumento de luta, as redes e os dispositivos comunicacionais, onde expressam seu poder de ser,

transformar e criar. Eles modulam relações de poder e fluxos expressivos em rede, como um "performer" captura e deflagra manifestações do pensamento, modos de sentir e de agir em favor da liberação de potências criativas e na conexão de elos de um fluxo paralelo. Forças criativas, livres, alegres e libertadoras, uma rede de construção de valores; uma ética formada na prática da vida conectiva, em encontros efêmeros e imateriais potencializados pela rede tecnológica de comunicação. Portanto, é no caminhar que a trilha vai se fazendo. É na prática conectada e atenta ao mundo sensível que as decisões são tomadas, que os corpos se posicionam defronte ao conflito.

7. Bibliografia:

ANTOUN, H. (2003). A Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura, in FRANÇA, V., WEBER, M. H., PAIVA, R. e SOVIC, L. (orgs). Compôs XI, POA: Sulina, p. 165-192.

ASCOTT, R. Cultivando o Hipercórtex. In: Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias, Domingues, D.

BEY, H. (2001). Taz: zona autônoma temporária. Conrad Editora do Brasil. (Coleção Baderna). São Paulo-SP.

BRUNO, F. (2004). Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. Revista FAMECOS, Porto Alegre - RS

CRITICAL ART ENSEMBLE. (2001) Distúrbio Eletrônico. Conrad Editora do Brasil. (Coleção Baderna). São Paulo-SP.

DELEUZE, G. (1992) Conversações. 34 Letras Ltda. São Paulo-SP.

DELEUZE, G. e GATTARRI, F. (1996). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Editora 34. São Paulo-SP

GALLOWAY, A. (2004). Protocol: How Control Exists after Decentralization. Ed. The MIT Press, London-England

HARDT, M. (1996). Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia. Editora 34. São Paulo-SP

HONNEF, K. (1988). Arte Contemporânea. Ed Taschen

LAZZARATO, M. e NEGRI, A. (2001). Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade, Rio de Janeiro: DP&A.

LEMOS, A.(2004). Cibercultura e Modernidade na Era da Conexão.

LOGAN, R. The Extended Mind Model of the Origin of Language and Culture. University of Toronto - Toronto, Canada

NEGRI, A. (2003). Cinco lições sobre o Império, DP&A. Rio de Janeiro-RJ.

NEGRI, A. (2000). Kairòs, Alma Venus, Multitudo: nove lições ensinadas a mim mesmo. DP&A Editora, Rio de Janeiro – RJ